



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o vídeo do assédio sexual sofrido pela presidente

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



MÉXICO

Fotos: Reprodução



A presidente Claudia Sheinbaum visitava o Centro Histórico da Cidade do México, quando um homem se aproximou, tentou beijá-la e tocou-lhe os seios, antes de ser detido

Plano torna crime grave o abuso sexual

Governo de Claudia Sheinbaum anuncia proposta para tipificar delito em nível nacional e exigir maior cuidado com mulheres, dois dias depois de presidente tornar-se vítima. Ativistas veem medidas com reservas

» RODRIGO CRAVEIRO

O anúncio foi feito 48 horas depois de a presidente Claudia Sheinbaum sofrer assédio sexual durante visita ao Centro Histórico da Cidade do México. Na presença da chefe de Estado, a secretária das Mulheres, Citlalli Hernández, apresentou o Plano Integral contra Abuso Sexual — com sete pontos, o texto tipifica o delito como crime grave em todo o país, além de determinar maior atenção e cuidado às vítimas e de fortalecer as instituições ligadas à Justiça. “Buscamos que o abuso sexual seja um delito grave, que seja punido em todas as entidades da República. (...) Para que a punição seja contundente e para que as mulheres saibam que podem denunciar quando enfrentarem essa situação”, declarou Hernández, em evento no Palácio Nacional.

Na terça-feira, Sheinbaum cumprimentava populares no Centro Histórico da Cidade do México, quando um homem se aproximou e tentou beijá-la no rosto. Depois, o agressor levou as mãos em direção aos seios da presidente, foi impedido por um jornalista e preso.

A mandataria decidiu processar o homem, identificado como Uriel Rivera, e lembrou que 45% das mulheres sofreram um abuso sexual no México. “Que isso que aconteceu sirva para que as mulheres realmente não se sintam sozinhas em uma situação de assédio, de abuso (...) e para isso deve haver instituições e um governo que as apoiem”, afirmou. “Decidi denunciar porque isso é o que as mulheres de nosso país vivenciam.

Se fizeram isso com a presidente, o que acontecerá com todas as mulheres? Assédio não tem lugar aqui. Um ataque a uma de nós é um ataque a todas nós”

Claudia Sheinbaum, presidente do México

Se fizeram isso com a presidente, o que acontecerá com todas as mulheres? Assédio não tem lugar aqui. Um ataque a uma de nós é um ataque a todas nós”, acrescentou.

“Insuficiente”

Coordenadora de Prevenção das Violências e a Discriminação da organização não governamental mexicana EQUIS, Tania Hernández Gordillo afirmou ao **Correio** que o plano de Sheinbaum é insuficiente. “A criminalização do assédio em nível nacional não resolverá, por si só, um problema enraizado em padrões de comportamento sexistas e patriarcais, que exigem processos profundos de transformação cultural”, explicou. “O plano também coloca todo o fardo sobre as mulheres, que precisam recorrer às autoridades para exigir uma resposta, em vez de as autoridades agirem proativamente.”

Secretaria das Mulheres do México



Citlalli Hernández (D) apresenta o plano ao lado de Claudia Sheinbaum, em evento no Palácio Nacional

Tania reconhece que o México dedica recursos significativos à capacitação de funcionários públicos em perspectiva de gênero. “Mas, constatamos que o apoio às vítimas é permeado por preconceitos e estereótipos do gênero. Tanto que, apesar do foco contínuo do Estado em intensificar a punição, nove em cada 10 mulheres que sofrem violência não procuram instituições públicas em busca de ajuda, principalmente por medo de represálias, ameaças ou vergonha.”

Criadora do Mapa de Feminicídios no México, María Salguero Bañuelos lamentou o fato de que a presidente teve de ser vítima para que o tema da violência sexual se

colocasse no centro do debate público. “É um avanço, em primeiro lugar, a homologação do crime em nível nacional. A intenção de agilizar as denúncias também representa um grande passo. No entanto, para que a atenção às vítimas seja efetiva, são necessários recursos humanos e financeiros suficientes. Isso não foi falado na apresentação do plano”, alertou ao **Correio**, por e-mail.

Uma das principais ativistas em defesa dos direitos das mulheres, Salguero advertiu que agravar as penas não inibe o cometimento do crime. “A medida, no entanto, enviava uma mensagem clara de que o assédio e a violência sexual não

serão tolerados e receberão punição”, afirmou. Para um impacto real, ela crê serem necessárias políticas integrais de prevenção, como campanhas de sensibilização e educação anunciadas. “Elas precisam transformar as condutas e as estruturas culturais que normalizam a violência sexual”, observou.

De acordo com Salguero, o que aconteceu com Sheinbaum, também comandante suprema das Forças Armadas, reflete claramente a dimensão do problema. “Se a mulher mais poderosa do país foi vítima dessa violência, o que podemos esperar das demais mulheres?”, questionou.

ESTADOS UNIDOS

Pelosi revela saída da política

A mulher mais influente e poderosa dos Estados Unidos anunciou a retirada da vida pública nas próximas eleições, em 2026. “Não vou disputar a reeleição ao Congresso” nas eleições legislativas de 2026, declarou a democrata Nancy Pelosi, 85 anos, em um vídeo dirigido, principalmente, aos seus eleitores de São Francisco, sua cidade natal. A política tem sido representante da região, na Califórnia, desde 1987 e atuou como presidente da Câmara dos Representantes em dois períodos (2007-2011 e 2019-2023). “Digo aos meus colegas na Câmara o tempo todo, seja qual for o título que me tenham atribuído (presidente, líder, coordenadora), que não houve maior honra para mim do que estar na Câmara e dizer ‘falo em nome do povo de San Francisco’”, acrescentou Pelosi em sua mensagem.

Conhecida por sua habilidade em unir as diferentes vertentes democratas, Pelosi foi uma figura essencial durante a presidência de Barack Obama, com quem conseguiu aprovar uma lei de saúde pública conhecida como “Obamacare”. A ascensão do republicano Donald Trump à Casa Branca transformou-a em uma política combativa, disposta a confrontar o adversário político em todos os âmbitos.

Nancy Pelosi comandou duas tentativas de impeachment contra Trump na Câmara de Representantes, que fracassaram no Senado. Em 2020, causou comoção mundial ao rasgar ao vivo as páginas do pronunciamento do presidente republicano, enquanto ele discursava sobre o Estado da União. Até o fim de sua longa carreira legislativa, ela guardou um rancor obstinado por Trump, especialmente após a invasão ao Congresso, em 6 de janeiro de 2021.

Ela era “uma mulher diabólica que fez um trabalho ruim, que custou muito ao país em danos e reputação”, comentou Trump hoje. Em entrevista exibida nesta semana pela rede de TV CNN, a democrata havia chamado o presidente de “criatura horrível” e “o pior que existe na face da Terra”.

Acusações

Neta de imigrantes italianos, Pelosi nasceu em Baltimore (Maryland), onde seu pai, Thomas D'Alessandro, foi prefeito e congressista nos anos 1950. Foi nesse ambiente que ela cresceu e aprendeu a arte da política. Pelosi assistiu à sua primeira Convenção Nacional Democrata antes de completar dez anos e foi fotografada aos 20 com John F. Kennedy em seu baile inaugural. Ela se mudou para San Francisco e criou cinco filhos com o empresário Paul Pelosi, enquanto mergulhava na política democrata. Aos 47 anos, foi eleita para o Congresso.

Nos últimos anos, sua carreira foi ofuscada por acusações de uso de informação privilegiada para investir na bolsa. Seu marido administrava uma carteira de investimentos que teve uma rentabilidade impressionante, até acumular em 2024 um patrimônio de US\$ 280 milhões (em torno de R\$ 1,7 bilhão, à época), segundo o site Quiver Quantitative.

Kevin Dietsch



Pelosi: “Não houve maior honra do que estar na Câmara”

ARGENTINA

Cristina Kirchner começa a ser julgada por corrupção

Depois de dominar a política argentina entre 2003 e 2015 como primeira-dama e depois como presidente, Cristina Fernández de Kirchner — que cumpre prisão domiciliar por administração fraudulenta — começou a ser julgada no maior caso de corrupção na história do país. Ela é acusada de liderar uma associação ilícita e de receber milhões de dólares em mais de 200 subornos de empresários em troca de contratos estatais durante esses 12 anos. No total, 87 pessoas estão no banco dos réus virtual, em sua maioria ex-funcionários e empresários que acompanharam as audiências por meio do aplicativo de videoconferência Zoom. Isso porque não existe uma sala judicial na Argentina capaz de comportar tanta gente. Kirchner conectou-se ao Zoom acompanhada de seu advogado

para ouvir a primeira audiência do processo, que foi transmitida pelo YouTube e consistiu na leitura da acusação, segundo a qual a ex-presidente (2007-2015) “interveio como destinatária final do dinheiro” das propinas. Antes do começo da sessão, a ex-presidente escreveu em seu perfil na rede social X que “tudo isso é show judicial” para distrair a opinião pública das reformas trabalhistas e judiciais promovidas pelo presidente Javier Milei. “Não tenho medo.

Sei que a história, como sempre, colocará as coisas no lugar”, acrescentou Kirchner, de 72 anos. “Poderão inventar casos, manipular juízes ou escrever sentenças, mas não vão deter a organização do peronismo.” O julgamento do chamado “caso dos cadernos” se baseia em uma série de anotações que

Luis Robayo/AFP



Cristina acena para simpatizantes da sacada de sua residência, em 20 de setembro: associação ilícita e suborno

supostamente foram feitas durante anos por um motorista do Ministério do Planejamento. Em cadernos, ele registrava trajetos, nomes de funcionários, empresários e as supostas quantias de dinheiro que transportava.

A expectativa é de que o

processo se arraste por vários anos — centenas de testemunhas estão convocadas a depor. “É a investigação de fatos de corrupção mais extensa realizada na história judicial argentina”, afirmou a promotora Estela León em um relatório

em outubro. A defesa de Kirchner sustenta que as anotações dos cadernos foram adulteradas em mais de 1.500 ocasiões, nas quais nomes, datas e endereços foram alterados. “É a maior vergonha judicial que a democracia já teve”, declarou, por sua vez, o advogado da ex-presidente, Gregorio Dalbón, ao sinalizar que a sentença estaria decidida. Se condenada, Kirchner poderá pagar uma pena máxima de até dez anos de prisão.

Desde junho, Cristina cumpre pena de seis anos de prisão e inabilitação política por outro caso de administração fraudulenta na concessão de obras públicas na província de Santa Cruz (sul). Com tornezeira eletrônica, ela está em regime domiciliar em seu apartamento, em um bairro do centro de Buenos Aires. Apesar da restrição de liberdade, ela recebe políticos aliados, cumprimenta seus apoiadores da sacada e publica na rede X críticas à política ultraliberal de Milei.